

# Fontenelle, o primeiro fotógrafo

Primeiro fotógrafo de Brasília, Mário Fontenelle é o autor de todas as fotos, hoje históricas, do início da construção da nova capital. O primeiro registro de Brasília - a enorme cruz que daria origem aos Eixos Rodoviário e Monumental - foi feito por ele assim que chegou a cidade em companhia de Juscelino, de quem era fotógrafo particular desde a época do Governo em Minas. Fontenelle acompanhou JK durante toda a campanha presidencial e na sua vinda para Brasília, de onde jamais se afastou. Primeiro funcionário contratado pela Novacap, embora seja uma das figuras mais importantes de Brasília, Fontenelle está hoje esquecido, doente, no Lar dos Velhinhos Maria Madalena. Em 1980, quando recebeu a medalha da Ordem ao Mérito de Brasília, doou à Novacap as duas máquinas que usou durante todos esses anos para fotografar a capital.

Atualmente, o que resta de seu vasto material fotográfico - espalhado por todo o país sem que ele tenha notícias - está guardado dentro de uma velha Variant azul estacionado no Lar dos Velhinhos.



## Gilvan, o contador de histórias

Autor de "Prece ao vento", sua música mais conhecida e já gravada em vários idiomas, Gilvan Chaves está em Brasília há 10 anos e não tem queixas da cidade, pelo contrário. Quando chegou aqui, em 1973, representando a Televisão Tupi junto a censura federal, não tinha ambiente na cidade, nem amigos - daí ia semanalmente para o Rio de Janeiro, de carro, numa viagem demorada mas que compensava o vazio do Planalto.

Agora Gilvan já está sedimentado em Brasília e apesar de ter se aposentado preferiu ficar na cidade

de e voltar para o Rio. Dessa permanência tem apenas algumas mágoas, como a situação a que fica relegado o artista, que apesar de sucesso no eixo Rio-São Paulo passa a morar em outra cidade. Antes de se radicar em Brasília Gilvan gravou mais de seis elepês e nesses dez anos na cidade não passou de quatro músicas. Apesar disso, ele acredita que há grandes valores entre os artistas candangos e acha que Brasília, se contar com a infra-estrutura necessária para a divulgação do trabalho desses artistas, pode se tornar um bom campo de trabalho.



## Rossi, um empresário democrata

Espiritualista, propagandista das idéias de Pietro Ubaldi, um dos fundadores e atual presidente da Escola da Sabedoria (entidade mística que estuda todas as religiões), Newton Rossi é o presidente da Federação do Comércio de Brasília desde que a entidade foi fundada, em 1971. Amigo de Juscelino, também acompanhou o Presidente quando da construção de Brasília. Entusiasta da nova capital, criticou asperamente os que eram contra a grande meta de JK, chegando a ser processado pelo Tribunal Superior do Trabalho porque promoveu campanha ao órgão que abandonava Brasília.

Fundador da Cibral S.A., primeira loja de eletrodomésticos do Distrito Federal, destacou-se mais por suas atividades públicas, encabeçando o movimento pela instalação do Tribunal Regional do Trabalho em Brasília, o que finalmente aconteceu no ano passado. Criou também os Conselhos Regionais do Sesc e Senac, onde ocupa a presidência. Favorável a co-gestão, é um dos críticos dos extremismos e condena as formas políticas vigentes por considerá-las ultrapassadas. Em discurso proferido na posse da nova diretoria do Sindicato do Comércio Varejista de Brasília, em março de 1980, apontou o fracasso das "teorias comunistas, por ser um método opressor, e do capitalismo, gerador de descontentamentos e cuja experiência em diversos países redundou na falência

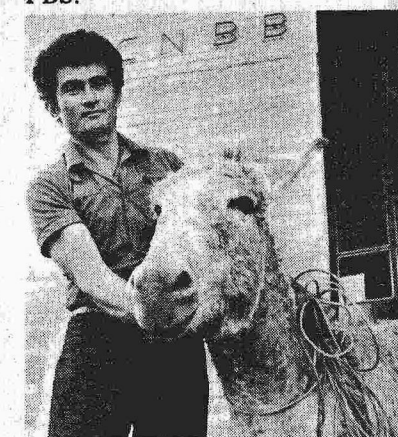
# OS TIPOS

das instituições".

No ano passado organizou, ao lado de outros empresários, o seminário sobre os novos rumos da economia do Distrito Federal, a partir do qual desencadearam uma campanha pela industrialização de Brasília. Rossi é defensor da criação de um parque industrial não poluente em Brasília como forma de gerar novos empregos. Segundo ele, é necessário repensar a cidade, pois o projeto original está defasado e Brasília precisa ser vista hoje não como uma cidade comum ou a capital do país, mas o centro de um Brasil diferente, de um novo ciclo que se inicia.

Por isso mesmo propugna pela criação da Secretaria de Indústria e Comércio do Distrito Federal como o canal adequado para um diálogo maior entre os empresários e o governo local. A Secretaria, de acordo com Rossi, viria disciplinar a industrialização da cidade, de maneira a não se permitir a instalação de indústrias poluentes aqui. Ele aponta ainda, como argumento, o aspecto social que envolve a questão, considerando que o parque industrial viria fornecer novas oportunidades de emprego à população desempregada que se concentra na periferia do Plano Piloto, ociosa na queda da construção civil.

Rossi é favorável ainda a uma participação política dos empresários, o que o levou a convocar 300 deles para que se filiassem ao PDS.



## Damião foi a Roma sem ver o Papa

O paraibano Damião Galdino da Silva se notabilizou no País, e até no mundo inteiro, por sua luta e peregrinação para que o Jégue "Jericar", dado de presente ao Papa João Paulo II durante sua visita ao Brasil em 1980, tivesse seu destino: o Vaticano, onde mora o Papa.

Foi uma luta dura, entremeadas de episódios dramáticos e até cômicos, mas que fracassou. Na verdade, tudo começou com um sonho antigo, no tem po que era pracinha

das forças da Organização das Nações Unidas, servindo em Gaza, no Oriente Médio. Ele imaginou uma forma de representar os pobres do Brasil, do Terceiro Mundo, e encontrou-a através do Jégue, o animal do sertanejo. E a melhor forma era dar de presente ao Papa esse Jégue, o "Jericar".

A luta começou para valer quando o Papa veio ao Brasil e assessores desviaram o Jégue para o Instituto Dom Orione. Revoltado, Damião, que é motorista do Senado e pode inclusive servir a algum dos senadores que tomam posse hoje, fez de tudo para conseguir o seu intento.

Ele mesmo, Damião, chegou a ir a Roma, mas não foi recebido pelo Papa nem conseguiu seu intento, apesar de uma greve de fome. Satisfeito pela repercussão de seu caso (deu entrevista à imprensa internacional em Roma), ele leiloou o "Jericar" e doou o dinheiro a entidades filantrópicas.



## Lindberg, pioneiro na Asa Norte

Atual presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, cargo que ocupa desde 1976, Lindberg Aziz Cury chegou a Brasília em 1961 para a Diretoria Comercial da Revendedora Willys Planalto de Automóveis Ltda., na avenida W-3. Antes, ele já vinha freqüentemente à cidade para vender os produtos do armazém que seu pai tinha em Anápolis para as empresas construtoras, nos acampamentos que deram origem a Brasília. Em 1969, quando a Ford comprou a Willys, Lindberg assumiu o controle acionário da revendedora. Nessa época, o Governo do Distrito Federal tentava dinamizar a Asa Norte, que contava apenas com alguns poucos prédios perdidos no meio do mato, e oferecia aos empresários terrenos financiados. Na ocasião, as áreas nobres do comércio de Brasília eram a Asa Sul e o Setor de Indústria e Abastecimento. Com a chance de ter uma quadra inteira - a 512

Norte - Lindberg assumiu o negócio e foi o primeiro grande empresário a se instalar na área. Ali, com o financiamento da Caixa Econômica Federal construiu a Planalto Automóveis Ltda. que conta hoje com mais de 300 funcionários e tem as filiais Consórcio Nacional Planalto, Planalto Tratores, Planalto Paracatu Tratores (em Minas) e a representação Planalto Honda. Hoje, a Planalto é a maior empresa do gênero em Brasília.

Favorável ao desenvolvimento agroindustrial de Brasília, Lindberg fundou Associações Comerciais em todas as cidades-satélites, como forma de dinamizar esses setores.



## Venancio, o faraó do Cerrado

Chamado de o "faraó do cerrado", o cearense Antonio Venancio da Silva pode ser considerado hoje o homem mais rico de Brasília. A maior parte dos empreendimentos imobiliários de grande porte existentes na cidade foram construídos por ele, quase sempre com recursos próprios, como é o caso do shopping center Venancio 3000, próximo ao Setor Hoteleiro Norte. Desde que chegou a Brasília, em 1960, ele já construiu mais de 400 mil metros quadrados em toda a cidade, entre centros comerciais, edifícios no Setor Comercial Sul e residências. Desse total, 360 mil metros quadrados ainda estão sob seu total controle.

Ex-trabalhador de roça, Antonio Venancio chegou a ser o maior exportador de cera de carnaúba do Ceará, quando ainda estava em seu Estado natal. Mais tarde, no Rio de Janeiro, entrou no campo da construção civil e chegou a ser proprietário de inúmeros terrenos em Copacabana, na época o setor mais valorizado do Rio. Com a construção de Brasília, resolveu vender esses terrenos, apesar do protesto da família, e vir para a Nova Capital. Aquí adquiriu o terreno onde está construído o edifício Antônio Venancio da Silva, numa época em que o Setor Comercial Sul só contava com os edifícios JK e Maristela, ainda em construção.

Ayesso a badalações, nunca é visto frequentando qualquer dos locais que normalmente são ponto de encontro da burguesia local. Incansável, acha acha que ainda não fez em Brasília tudo o que podia e tem planos para investir em outros setores.



## Salomão, o sucesso empresarial

A popularidade de Gilberto Salomão subiu alguns pontos quando, no ano passado, ele vendeu sua mansão no Lago Sul para a embaixada do Iraque por 320 milhões, numa transação imobiliária que entrou para a história do ramo no Brasil. Mineiro de Uberaba, Gilberto Salomão está em Brasília desde 1959, e, como outros, investiu no campo da construção civil. É proprietário do centro comercial mais badalado de Brasília, ponto de encontro da jovem burguesia do Distrito Federal que habita o Lago Sul - Gilberto Salomão.

O setor, aliás, só cresceu depois que a primeira etapa do centro foi concluída. Antes, havia no Lago Sul exatamente 48 mansões e, segundo Gilberto Salomão, faltava à área um comércio à altura de quem ali morava. Além disso, o empresário tem investimentos imobiliários no Setor Comercial Sul, no Setor de Indústria e Abastecimento e agora parte para Taguatinga, a cidade-satélite de maior crescimento no Distrito Federal. Favorável ao crescimento da cidade, ele acha que o governo deveria desapropriar áreas ociosas da W/3 sul para a construção de estacionamentos e shopping center.

